

O ARMÁRIO E A CAMA

José Mena Abrantes

Personagens:

Homem 1

Mulher

Homem 2

Cena 1

(No palco apenas uma cama grande e um armário. Uma mulher está deitada, meio despida. Entra um homem).

HOMEM 1. Na cama a estas horas? E ainda não te vestiste?

MULHER. Não me apeteceu. Por que voltaste tão cedo?

HOMEM 1. Esqueci-me de uns documentos que tenho de levar para uma reunião que começa agora. Não te levantas?

MULHER. Ainda não me apetece.

HOMEM 1. Rica vida. *(Ruídos no armário. O homem olha para ele.)* Que ruídos são esses?

MULHER. Deve ser a madeira a estalar. O armário é novo.

HOMEM 1 *(desconfiado)*. Tens a certeza?

MULHER. Que mais podia ser?

HOMEM 1 *(grave)*. Está alguém dentro do armário?

MULHER. E o armário é lá lugar de ter gente dentro?

HOMEM 1. Não sei. Diz-me tu.

MULHER. Deixa-te disso. Não me venhas com as tuas fantasias... (*Novos ruídos.*)

HOMEM 1. E agora, também é a madeira a estalar?

MULHER (*virando-se*). Oh, deixa-me dormir.

HOMEM 1 (*forçando-a a voltar-se*). Não. Vais dizer-me se está alguém dentro do armário.

MULHER. Por que é que não abres a porta e vês se está lá alguém dentro? (*O homem faz menção de dirigir-se ao armário.*) Ah, mas não te esqueças de uma coisa... Se abrires essa porta, está tudo terminado entre nós.

HOMEM 1. Estás a admitir que está lá alguém dentro?

MULHER. Não estou a admitir coisa nenhuma. Estou só a dizer que se abres essa porta, a nossa relação acaba agora mesmo.

HOMEM 1. Então é porque está lá alguém dentro.

MULHER. Abre. Se estiver alguém, ficas a saber por que é que não podemos continuar juntos. Agora, se não estiver ninguém lá dentro, garanto-te que nunca mais me pões a vista em cima.

HOMEM 1 (*hesitando*). Mas está ou não está alguém dentro do armário?

MULHER. Abre a porta e verás.

HOMEM 1. Prefiro que mo digas tu. Está lá alguém dentro?

MULHER. Abre.

HOMEM 1. Vá lá. Diz-me.

MULHER. Abre, vamos. Agora faço questão que abras a porta. Não gosto que desconfiem de mim.

HOMEM 1. Mas disseste que se não estiver ninguém está tudo acabado entre nós...

MULHER. E se estiver alguém, também. Abre.

HOMEM 1 (*sem saber o que fazer*). Mas aqueles ruídos não eram de madeira a estalar...

MULHER. Abre!

HOMEM 1. Não vou abrir. Mas gostava de saber que ruídos foram aqueles.

MULHER. Madeira a estalar. (*Voltando-se.*) Vá, deixa-me dormir. Não tinhas uma reunião?

HOMEM 1. Tinha e tenho. Mas faz-me um favor, quando eu voltar gostava que as portas do armário estivessem abertas... Ia sentir-me melhor.

MULHER (*com enfado evidente*). Está bem. Vais encontrar as portas do armário abertas e também as minhas pernas... Agora deixa-me dormir.

HOMEM 1. Mas ainda não dormiste o suficiente? (*Olha desconfiado para o armário.*) Vais passar o dia na cama?

MULHER. Vou passar o dia onde bem entender. Vai, vai trabalhar.

(*Homem 1 sai.*)

Cena 2

(Mulher levanta-se sem fazer ruído e confirma a sua saída. Espera uns instantes. Depois abre a porta do armário, de onde sai um homem semi-despido, com as roupas e os sapatos na mão.)

MULHER. Tinhas de fazer aquele barulhão todo?

HOMEM 2. Muita sorte não ter deixado cair os sapatos. Nunca mais me faças fazer uma coisas destas. Não disseste que ele só vinha à noite?

MULHER. Esqueceu-se não sei de quê... Ah, e eu é que te faço fazer coisas? Até parece que não gostas.

HOMEM 2. Está bem, mas é emoção a mais para o meu gosto.

MULHER. Quem não arrisca não petisca. Vem, volta para a cama.

HOMEM 2 *(a vestir-se)*. Estás louca? E se ele voltar outra vez? Deu para ver que estava bem desconfiado. Eu estive quase para abrir a porta e sair.

MULHER. Matava-te se o fizesses. Aliás, matava os dois. Iam os dois amiguinhos desta para melhor.

HOMEM 2. Amiguinhos, não. Ele é o meu melhor amigo.

MULHER. É. Nota-se mesmo. Estão bem um para o outro.

HOMEM 2. Não fales mal do meu amigo.

MULHER. Falar mal? Mas tu não te dás conta que lhe estás a pôr os cornos?

HOMEM 2. Eu não lhe estou a pôr os cornos. Eu amo-te.

MULHER. Pois, pois. Enquanto me amas, vais-lhe pondo os cornos.

HOMEM 2. Não sejas grosseira. Essas palavras não ficam bem na tua linda boca
(Tenta beijá-la).

MULHER. Desanda. Vai à tua vida. Vocês os homens são todos iguais, uns cobardes, incapazes de assumir seja o que for.

HOMEM 2. O que queres que eu faça? És a mulher dele.

MULHER. Procura então outra para ti. Esta cena não se volta a repetir.

HOMEM 2. Não fiques zangada. Eu amo-te...

MULHER. Deixa-te de histórias. Entre nós está tudo acabado.

HOMEM 2. Só por causa do armário?

MULHER. Exactamente. Só por causa do armário.

HOMEM 2. E nunca mais vamos para a cama?

MULHER. Sai, se faz favor. E cuidado, para que ninguém te veja.

HOMEM 2 *(lançando-se aos seus pés)*. Não faças isso comigo. Não posso viver sem ti.

MULHER. Então, prova-o. Vem passar uma noite inteira comigo aqui no meu quarto, na minha cama, fora e não dentro do meu armário.

HOMEM 2. E o teu marido?

MULHER. O que é que tem o meu marido? Dizes-lhe que vens passar uma noite com a mulher dele. Não é o teu melhor amigo?

HOMEM 2 (*com desalento*). Por isso mesmo é que não o posso fazer.

MULHER. Mas eu sim, posso.

(Homem 2 sai. Mulher sai depois.)

Cena 3

(Quarto vazio, portas do armário abertas. Entra Homem 1)

HOMEM 1. Não está. Nem sequer fez a cama. Menos mal deixou as portas do armário abertas... (*Inspecciona o armário por dentro.*) Este armário nunca rangeu, como é que de repente começou a dar estalos... (*Verifica também a cama, procurando indícios que confirmem as suas suspeitas.*) De certeza que esteve aqui alguém na cama com ela. Esta mancha de suor não é minha. Eu nem sequer suo.

MULHER (*entrando de repente*). Então, estás contente com a inspeção? Deixei as portas do armário abertas, como pediste.

HOMEM 1. Tinha sido melhor abri-las àquela hora...

MULHER. Por que é que não o fizeste? Parece que não estavas muito seguro das tuas suspeitas. E agora também andas a cheirar os meus lençóis?

HOMEM 1. Eu não suspeito de ti. Eu amo-te.

MULHER. Pois, pois. Outro.

HOMEM 1. Como outro?

MULHER. Outro, outro homem. Vocês são todos iguais.

HOMEM 1. Não sejas assim. Sabes que tu és a mulher da minha vida. Eu não podia arriscar perder-te só por causa de uns ruídos no armário.

MULHER (*fingindo tristeza*). Sim, mas ofendes-me com as tuas estúpidas suspeitas. Eu seria incapaz de te trair. Preferia dizer-te na cara que estava tudo terminado, antes de andar com outra pessoa.

HOMEM. Eu sei, meu amor. É por isso que gosto tanto de ti.

MULHER (*mudando de assunto*). Sabes que o teu amigo esteve cá, depois de te teres saído?

HOMEM 1. Ah, sim? O que é que ele queria?

MULHER. Acabou por não dizer. Acho que anda um pouco estranho. Ele é mesmo o teu melhor amigo?

HOMEM 1. O melhor? O único! Por ele era capaz de pôr as mãos no fogo. É daqueles a quem podia confiar até a mulher amada.

MULHER. Ou seja, a mim.

HOMEM 1 (*hesitando*). Claro!

MULHER. Eras capaz de me deixar a sós com ele uma noite inteira? Sem fazer ciúmes nem nada? Sem desconfiares de nada, nem vires cobrar nada no dia seguinte?

HOMEM 1. Bem, teoricamente sim.

MULHER. E na prática? Eras capaz de chamar o teu amigo e dizeres para tomar conta de mim por uma noite, porque tu tinhas de viajar ou coisa parecida?

HOMEM 1. Por que é que me estás a perguntar essas coisas?

MULHER. Estou só a pegar nas tuas palavras. Disseste que eras capaz de lhe confiar a mulher amada. Acho que sou eu essa. Ou tens outra?

HOMEM 1. Eu, outra?

MULHER (*fingindo-se amuada.*) Sim, já me queria parecer que não era eu a tal a quem tu eras capaz de confiar ao teu melhor amigo. (*Afastando-o.*) Deixa-me.

HOMEM 1. Mas querida, o que é que te deu? Ficas amuada só porque achas que eu não era capaz de te confiar ao meu melhor amigo. Eu amo-te, tu sabes. Eu confio em ti. E confio também no meu amigo. Por que razão não te havia de confiar a ele?

MULHER. Então, por que é que não o fazes? Só para ver se realmente me amas e tens confiança em mim.

HOMEM 1. Confiar-te ao meu amigo? Ele vai estranhar...

MULHER. Estranhar como? Dizes que tens de viajar ou de ficar toda a noite a trabalhar e pedes-lhe para ele me fazer companhia.

HOMEM 1. Não sei, tudo isso me parece um pouco...

MULHER. Vá lá, faz isso por mim. Prova que me amas!

HOMEM 1. Se achas que isso te vai tirar todas as dúvidas sobre o que eu sinto por ti, está bem. Eu vou falar com ele.

Cena 4

HOMEM 1. Anda, vem aqui para o quarto. Não quero que ela nos oiça.

HOMEM 2 (*hesita*). Acho melhor não. É o vosso quarto.

HOMEM 1. E o que é que tem? Tu és da casa.

HOMEM 2. Tudo bem, mas há pessoas que não gostam muito de ver estranhos no quarto de dormir.

HOMEM 1. Estranho, tu? Não és o meu melhor amigo? (*Homem 2 mantém-se à entrada do quarto, sem avançar, olhando com receio para o armário.*) O quê? Estás com medo do armário? (*Bate na madeira.*) É só um armário. Não é um monstro. Senta-te! (*Homem 2 hesita, mas acaba por se sentar na ponta da cama. Homem 1 continua de pé.*) Nem sei por onde começar. Estou com um problema terrível.

HOMEM 2 (*nervoso*). Os amigos são para estas ocasiões. Conta lá.

HOMEM 1. A minha mulher... (*Abana a cabeça.*)

HOMEM 2 (*mais nervoso*). O quê que tem? Está doente?

HOMEM 1. Não, pelo contrário. Até tem saúde a mais.

HOMEM 2 (*ainda mais nervoso*). E então?

HOMEM 1. Anda esquisita, sei lá. Um pouco nervosa. Às vezes fica mesmo agressiva. Ela nunca foi assim. Agora até fala de uma maneira diferente. Usa palavras vulgares, sei lá...

HOMEM 2. É, já tinha reparado.

HOMEM 1. Também foi agressiva contigo?

HOMEM 2: Não, refiro-me à maneira diferente de falar...

HOMEM 1. Disse-te alguma inconveniência?

HOMEM 2. Não, não. Mas no outro dia usou uma expressão que nunca tinha ouvido na boca dela. Só isso.

HOMEM 1. Ah, estava a ver. Ia ouvir-me.

HOMEM 2 (*ganhando coragem*). Mas tu achas que se está a passar alguma coisa de... (*Com a voz tremer.*) Que ela anda com...

HOMEM 1 (*interrompendo-o com veemência*). Não, isso nunca! Até parece que não me conheces. Se fosse isso, ia dar-me logo conta. Não sou tipo de se deixar enganar com facilidade.

HOMEM 2. Pois claro.

HOMEM 1 (*quase indignado*). Nada disso. Era o que me faltava. Ela é uma óptima mulher, meiga, fiel, dedicada ao lar... Aliás, tu conhece-la tão bem como eu.

HOMEM 2. Claro.

HOMEM 1. O problema é outro. Apesar de eu continuar o mesmo de sempre, parece que ela deixou de acreditar que gosto dela. E anda a querer pôr-me à prova.

HOMEM 2. Pôr à prova? Como?

HOMEM (*hesita*). Porra, só mesmo contigo é que eu podia ter uma conversa destas...

HOMEM 2 (*mais tranquilo*). Conta lá.

HOMEM 1 (*ainda com hesitação*). Ela acha que eu era incapaz de a deixar sozinha uma noite inteira com um amigo meu, por não ter confiança nela.

HOMEM 2 (*a medo*). Com que amigo?

HOMEM 1. Com que amigo? Com que amigo é que tu achas que eu ia deixar a minha mulher sozinha uma noite inteira? Só contigo!

HOMEM 2 (*em pânico*). Comigo?

HOMEM 1. Claro! Ou tu achas que eu ia confiar a minha mulher a mais alguém?

HOMEM 2 (*aparte*). Ela foi mesmo capaz!

HOMEM 1 (*sem perceber*). O quê? Não eras capaz? O que é que te custa? É só uma noite. Fazias-me um enorme favor. (*Homem 2 abana a cabeça.*) Vá lá, em nome da nossa velha amizade. Para ver se ela se cala de vez e deixa de me azucrinar a paciência.

HOMEM 2. Não sei, não. Assim de repente...

HOMEM 1. É só passares uma noite aqui em casa, e eu provo que tenho confiança nela. E em ti, claro. És a única pessoa em quem posso confiar, meu irmão. (*Ruídos no armário. Homem 1 abre a porta e mete a cabeça lá dentro.*)

HOMEM 2. Incrível! Ela foi mesmo capaz!

CENA 5

(Homem 2 entra apressado com a Mulher no colo e atira-a para cima da cama. Ruídos no armário. Homem 2 presta atenção, preocupado.)

HOMEM 2. Tens a certeza que ele não vai mesmo aparecer?

MULHER. Certeza absoluta. Ele quer provar-me que me ama e que confia inteiramente em mim.

HOMEM 2. Mas eu não me sinto bem a trair a sua confiança.

MULHER. Agora é que te entraram os pruridos? Não é o que tens feito nestes últimos dois anos?

HOMEM 2. Está bem, mas não era com a autorização expressa dele. Ele só me pediu que te ficasse a fazer companhia, porque andas um pouco nervosa.

MULHER. E o que estás a fazer não é fazer-me companhia? Queres melhor companhia que esta?

HOMEM 2. Acho que não era a esta companhia que ele se referia.

MULHER *(levantando-se da cama)*. Arre, que vocês são complicados. Em vez de aproveitar a deixa que o teu amigo te deu para estares comigo, estás a inventar problemas?

HOMEM 2. Não sei, não consigo. Ele pediu-me para tomar conta de ti. E via-se que estava mesmo a confiar em mim quando o fez...

MULHER *(brusca)*. Vá, toma então conta de mim. Faz-me um chá, conta-me uma história, fala-me da vossa tão grande amizade. Como é que se conheceram? No jardim escola, a fazer cocó em dois bacios um ao lado do outro?

HOMEM 2. Não sejas má. Ele gosta mesmo de ti.

MULHER. E tu, não?

HOMEM 2. É diferente. Ele é o teu marido.

MULHER. Não vejo onde está a diferença. O que é que o gostar tem a ver com o estado civil?

HOMEM 2. Vocês não entendem nada de nada. Tu não tens amigas ou amigos?

MULHER. Diz-me tu. Não és meu amigo?

HOMEM 2. Não me refiro a isso. Não tens uma grande amiga, por exemplo?

MULHER. E por que é que havia de ter uma grande amiga?

HOMEM 2. Estás a ver, vocês são incapazes de uma amizade sincera.

MULHER. Como a tua com o meu marido?

HOMEM 2. Exactamente.

MULHER. E a sinceridade da vossa amizade é estares aqui a comer-lhe a mulher?

HOMEM 2. Não digas essas palavras. Não ficam bem na tua boca. És uma senhora.

MULHER. Uma senhora casada que tu não te importas de levar para a cama. És cá um cavalheiro.

HOMEM 2. Olha, isto não está a funcionar. Estou preocupado com o meu amigo. Onde é que ele estará? (*Ruídos no armário.*) O que foi isso?

MULHER. É a madeira a estalar. O armário é novo.

HOMEM 2. Não me pareceu. Será que está alguém lá dentro?

MULHER. E quem havia de estar lá dentro?

HOMEM 2 (*baixando a voz*). O teu marido, por exemplo. Abriste o armário quando viemos para o quarto?

MULHER. Se eu vinha no teu colo, como é que ia abrir o armário? Ou esqueceste-te que te deu uma fúria de grande macho e nem sequer quiseste fazer sala uns instantes, com a pressa de vires para a cama? Para não fazer nada, pelos vistos...

HOMEM 2 (*encostando o ouvido ao armário*). Acho que está alguém lá dentro...

MULHER. Se achas, por que é que não abres a porta?

HOMEM 2. E se for ele?

MULHER. Se for ele, não fica a saber mais do que agora já sabe. Que tu és um grande sacana que lhe anda a pôr os cornos.

HOMEM 2. É melhor eu ir-me embora.

MULHER. E trair o teu grande amigo, que te pediu para me fazeres companhia?

HOMEM 2. Se ele sai ali de dentro, como vou poder encará-lo?

MULHER. Devias ter pensado nisso antes, antes de te meteres com a mulher dele.

HOMEM 2. Ah, agora fui eu que me meti contigo?

MULHER. Não, fui eu que te seduzi, pobrezinho.

HOMEM 2. Abrimos?

MULHER. Abre, mas se ele não estiver lá dentro nunca mais me pões a vista em cima. Não gosto de cobardolas. Aliás, se ele estiver, também não.

HOMEM 2. Porra! Porra! Por que é que me meti nisto?

MULHER. Então, abres ou não abres?

HOMEM 2. Eu vou-me mas é embora. *(Sai.)*

(A Mulher dirige-se ao armário, hesita, mas acaba por voltar para a cama sem abrir a porta. Silêncio.)

Cena 6

(Mulher continua deitada na cama. A luz mudou, criando um ambiente de sonho. As portas do armário abrem-se e lá de dentro saem em simultâneo o Homem 1 e o Homem 2. A Mulher desperta e senta-se na cama, convidando os dois a sentarem-se. Vão embrulhar-se os três numa cena amorosa. Ouvem-se em 'off, gravados,' vários monólogos desencontrados.)

MULHER. Será que não se podem amar dois homens ao mesmo tempo? O que sinto pelo meu marido é diferente do que sinto pelo seu amigo, mas sei que na mesma é amor. Será isto tão difícil de se entender? Será que sou apenas leviana por pensar assim?

HOMEM 1. Toda a minha vida te amei. Eu entregava-te de bom grado a minha mulher, se através dela pudesse chegar a ti, se de algum modo os nossos corpos se pudessem fundir no dela.

HOMEM 2. Eu luto contra, mas não consigo deixar de pensar em ti quando estou com a tua mulher na cama. Não com remorso ou com medo que venhas a descobrir. Pensar em ti como se fosse contigo que estou a fazer amor.

MULHER. É estranho, mas não estou arrependida por fazer o que faço. Acho que de algum modo estamos os três sintonizados na mesma frequência, uma frequência em que os corpos deixam de ter importância e só interessa a vibração do amor.

HOMEM 1. Eu e tu, meu amigo, somos como dois rios a caminho do mar. Que podem saber os rios, antes de lá chegarem? Como saber se não estás lá à minha espera? Somos dois rios a correr paralelos em direcção ao mesmo destino.

HOMEM 2. Qual de nós poderá dizer o que o destino nos reserva? Quem poderá algum dia dizer quais dos rios é que se vão encontrar nas tantas ondas que tem o mar?

MULHER. Venham os dois. Amem-me. Amem-se. Inundem-me de paixão. O meu mar está aberto a todos os rios.

Cena 7

(Mulher desperta com a entrada do Homem 1 no quarto.)

HOMEM 1. Olá, bom dia! Estás sozinha? O meu amigo já não está cá?

MULHER. O teu amigo foi-se embora a meio da noite. Grande amigo que tu tens. Disseste-lhe para me fazer companhia e ele deixou-me aqui sozinha, sem explicações.

HOMEM 1 *(aparte)*. Foi melhor assim.

MULHER. Disseste alguma coisa?

HOMEM 1. Não, estranhei só que ele já não estivesse cá. Tinha-lhe dito que só voltava de manhã.

MULHER. Pois foi-se embora sem dizer uma palavra.

HOMEM 1. Estás a ver como podia confiar nele? Foi-se embora porque não queria que eu pensasse que ele se estava a aproveitar da situação.

MULHER. Que situação?

HOMEM 1. A de ficar aqui sozinho contigo toda a noite.

MULHER. É mesmo isso que achas? E em mim, já tens outra vez confiança? Não fiz nada para o reter aqui.

HOMEM 1. Em ti sempre confiei, meu amor.

MULHER. Não sejas hipócrita. Foi por isso que te escondeste dentro do armário, para nos vigiar?

HOMEM 1. Eu? Dentro do armário?

MULHER. Não te finjas de parvo. Não estavas dentro do armário?

HOMEM 1. Eu?

MULHER. Sim, tu! Agora já sabes do que é que o teu grande amigo e o teu grande amor são capazes.

HOMEM 1. Tu e ele...

MULHER. Não sabias?

HOMEM 1. Saber o quê? De que é que estás a falar? Que história é essa do armário?

MULHER. Não estavas dentro do armário?

HOMEM 1. Eu não. O que é que eu ia fazer dentro do armário?

MULHER. Então, esquece.

HOMEM 1. Esqueço o quê? O que é que eu ia descobrir se estivesse dentro do armário?

MULHER. Ias descobrir que tens um amigo e uma mulher maravilhosos, que te adoram e que são capazes de tudo para te fazer feliz. É isso o que terias descoberto se tivesses tido a brilhante ideia de te esconder dentro do armário.

HOMEM 1. Querias mesmo que eu me tivesse escondido dentro do armário?

MULHER. Não, querido, quero é que venhas comigo para a cama. *(Parece recordar-se de algo.)* O meu mar está aberto a todos os rios...

Epílogo

(Os três monólogos que se seguem podem ser ditos por inteiro, um de cada vez, ou intercalados uns nos outros. Cabe ao eventual encenador a decisão.)

MULHER. O dia do meu casamento foi o mais feliz da minha vida. Eu tinha finalmente realizado um sonho longamente adiado, sempre desconfiada das intenções dos que andavam atrás de mim. E olhem que não eram poucos. Mas eu sentia que só podia fazê-lo quando encontrasse o homem certo, aquele com quem eu pudesse constituir uma família, ter filhos, viver uma relação de amor e de respeito. Quando finalmente conheci o meu marido e o seu amigo soube logo que tinha encontrado aquele que há muito procurava. A gente sabe porque dá uma pontada e um tremor numa parte do corpo que eu nem sei explicar, se é no

coração ou se é onde. Foi um deslumbramento. Os dois correspondiam ao ideal que eu sempre alimentara em segredo... Mas logo a seguir quase que entrei em pânico. Qual deles escolher? Íamos juntos para todo o lado: para as festas, para a praia, para o cinema, passear no shopping... Os dois eram charmosos, gentis e pareciam estar seriamente interessados em mim. Apesar de não serem da mesma idade, eram tão unidos que, às vezes, me parecia que eram os dois lados da mesma moeda. Tão amigos, tão amigos, sempre juntinhos, com uma relação de tanta cumplicidade que até me dava ciúmes. Mas ciúmes de qual deles? Depois, pouco a pouco, comecei a inclinar-me mais para um, para aquele que de certa forma tinha atitudes mais... como direi?... mais masculinas. Não que o outro fosse menos homem, não é disso que estou a falar. Mas havia certos gestos, certa maneira de falar, certos olhares, que não me atraíam tanto. As mulheres sabem do que estou a falar... Foi assim que fiquei noiva do meu marido, sempre com o amigo dele por perto. Quando não estava comigo, era certo e sabido que estava com o seu grande, grande amigo.

Só faltou ele ir também na nossa lua-de-mel!

HOMEM 1. É claro que já me tinha interessado por outras mulheres, mas esta era diferente. Bonita, com carácter. A gente vê logo quando uma mulher tem personalidade própria, que não é daquelas que dizem sim a tudo só para nos agradar. O meu amigo também se encantou com ela. Andávamos sempre juntos para todo o lado, ela no meio, de braço dado com cada um de nós. A partir de certa altura as coisas começaram a ficar estranhas. Mesmo sem querermos, parecia haver uma disputa entre nós para ver quem conseguia mais a sua atenção. Como mais velho, achei que tinha de perguntar de caras ao meu amigo: Gostas dela? Queres tu ficar com ela? Diz lá, meu, somos amigos. Eu não levo a mal, se isso acontecer...Sou um bocado bruto, confesso, e por isso sou mais directo a dizer as coisas. O meu amigo, não. É sensível, um pouco tímido, e por isso não quis ou não conseguiu responder. Ele de certeza que percebeu que eu estava a gostar dela de outra maneira e não me quis contrariar. Os verdadeiros amigos são assim, compreendem os nossos sentimentos mais profundos. Por isso lá acabei por casar com ela, mas continuámos a ver-nos e a andar quase sempre juntos.

Só faltou ele ir também na nossa lua-de-mel!

HOMEM 2. Desde o primeiro momento em que a vi, percebi que ia perder o meu amigo, o único e verdadeiro amigo que tive na vida. Aquele que me ensinou a portar-me como um homem em sociedade. Ela era tão bonita, tão envolvente, tão alegre, sempre a querer arrastar-nos para todo o lado. E eu bem via o encantamento em que ele andava, embora às vezes disfarçasse para não me chocar. Os verdadeiros amigos são assim. Compreendem os nossos sentimentos mais profundos. E ele sabia que eu, embora também gostasse dela, queria acima de tudo que a nossa amizade não fosse afectada. Um dia perguntou-me se eu queria ficar com ela... Isso é coisa que se pergunte? O que é que eu podia responder? Que sim? Ele ia ficar arrasado. Que não? Estaria a mentir. Calei-me, portanto. Quando ela finalmente se decidiu por ele, compreendi. Ele era mais maduro, mais aberto e divertido, mais... (*Hesita.*) para o machão. Conformei-me. E depois, como continuámos a andar sempre juntos, as coisas acabaram por entrar nos eixos. O que aconteceu depois... como explicar? Tem explicação? Ah, a vontade que eu tinha de ter ido com eles na lua-de-mel!...

FIM